

Capítulo III

Relevância bíblica da compreensão da vida.

Introdução

A vida e a morte são categorias opostas, que são básicas para todas as coisas vivas,¹ as duas categorias se relacionam entre si, e se interpretam mutuamente. A vida denota o funcionamento orgânico das plantas, dos animais e dos seres humanos.² A vida humana é única no seu gênero. Ela não é meramente instintiva, como também é capaz de auto-realização e está aberta a influências e mudanças formadoras diversas.

Em grego faz-se distinção entre *zōē*, que tende a significar a "vida" como força vital e natural, e *bios* que tem um conteúdo ético mais forte, e que também significa "modo de vida". É fato instrutivo que o NT adota a primeira destas duas palavras para denotar aquela comunhão com Deus que os seres humanos desfrutam como dádiva específica do próprio Deus.

Desde Homero o substantivo *bios*, deriva do verbo correspondente *bioó* e tem relacionamento com latino *vivere*, "viver", que denota a "vida" nas suas manifestações externas concretas. Emprega-se *bios* geralmente para "curso da vida" ou "duração da vida,"³ e especificamente para o "modo de vida" de uma pessoa, que não é considerado, no entanto, um evento histórico de uma vez para sempre, mas, sim, como um comportamento super temporal que existe lado a lado com outros "tipos" possíveis.

¹ Cf. W. B. J. Martin, "Life after Death III. The Poets - Victorian and Modern", *ExpT* 76, 1964-65, 140-143.

² Cf. BROWN, Colin; COENEN, Lothar (org.), *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, 2ª ed.; São Paulo, Vida Nova, 2000, p. 2641-2652.

³ Cf. L. HODGSON, "Life after Death II. The Philosophers: Plato and Kant", *ExpT* 76, 1964-65, 107ss.; Platão, *Symph.* 181d, 203d; *Leg.* 6, 770a; 7, 802a; Platão, *Leg.* 2, 663b; *Rep.* 617d ss. e também *Eth. Nic.* 1 3p 1095b, 14 ; cf. *biōtikos*, "pertencente à vida", "quotidiano", Políbió 4,73,8; Diógenes Laércio 7,22; Epicteto, *Dissertationes* 1, 26, 3,7.

Aristóteles expressa com grande clareza o conceito ético da vida sustentado pelos gregos; distinguindo entre os seguintes modos de vida: amante dos prazeres (*apolaustikos*); ativo (*praktikos*), político (*politikos*); e contemplativo (*theoretikos*) Mais tarde, *bios* adquiriu os significados concretos de subsistência, comércio e riqueza.

Na LXX, *bios* usualmente traduz *yāmím*, "dias", plural de *yôm* "dia", quando traduz um equivalente hebraico a LXX, seguindo o pensamento histórico do Antigo Testamento, adota principalmente o significado temporal de *bios*, isto é, a duração da vida.

A palavra *bios* não ocorre em qualquer lugar no Pentateuco ou nos Profetas, no entanto em Ct 8, 7, significa "riqueza"; e "alimento" em Pr 31, 14. O significado da palavra fica mais claro em Jó, onde ocorre 13 vezes.⁴ A vida do homem, com toda a sua miséria, se assemelha a trabalhos forçados (7, 1), a uma sombra (8, 9), à vaidade (7, 16), à tristeza (15, 20). Mas por contraste, promete ao ser humano a longevidade (Pv 3:2), dádiva esta que ela segura na mão direita (Pr 3, 16), enquanto os ímpios são castigados com uma vida curta e fugaz (Sb. 2, 1, 4, 5).⁵

Já em Macabeus 4, a influência helênica substitui o significado temporal de *bios*, adotando um significado ético. Assim como Aristóteles aplicara ao substantivo uma variedade de adjetivos, assim também 4 Macabeus o descreve como modo de vida leal à lei (*nominos*, 5; 36; 7: 15); reto (*orthos*, 1: 15); agradável (*hedys*, 8 :23); até divino (*theios*, 7: 7).

Diferentemente de *zōe*, *bios* é surpreendentemente raro no NT,⁶ e ocorre apenas 11 vezes (*bioō* uma só vez, em 1Pe 4:2). Podem ser achados todos os três significados que são normais no grego profano, mas com mudanças características de ênfase, *bios* tem um significado claramente temporal como a duração da vida. Na maioria das vezes (6 vezes) *bios* é empregado no sentido concreto, um pouco

⁴ Cf. D. H. GARD, "The Concept of the Future Life according to the Greek Translator of the Book of Job", *JBL* 73, 1954, 137-143.

⁵ Cf. R. Taylor, "The Eschatological Meaning of Life and Death in the Book of Wisdom I-V", *Ephemerides Theologicae Lovanienses* 42, 1966, 72-137.

⁶ Cf. D. HILL, "The Background and Biblical Usage of *zōe* and *zōe aiōnios*", *Greek Words and Hebrew Meanings: Studies in the Semantics of Soteriological Terms*, 1967, 82-201.

externo, que adquirira na antiguidade mais recente: o de "riquezas", "fortuna". Mc 12: 44 e Lc 21: 4 falam da viúva pobre que colocou "todo o seu sustento" na tesouraria, enquanto Lc 15:12, 30, conta do filho pródigo que desperdiçou seus "haveres" com meretrizes. Da mesma forma, conforme 1Jo 3: 17, o amor verdadeiro se revela no ato concreto de compartilhar os "bens" deste mundo com um irmão necessitado.

O emprego especificamente grego de *bios* no sentido de "modo de vida" só ocorre de modo, indireto no Novo Testamento. A "soberba da vida" em 1Jo 2: 16 se refere à vivência na ostentação, e em Lc 8: 14, há alusão aos "cuidados, riquezas e deleites da vida". Em outras palavras, a atitude neo-testamentária aqui é puramente negativa⁷. A razão da não adoção deste conceito especificamente grego de *bios* pelo NT é que, conforme este último, o ser humano não vive sua vida para si mesmo, nem para desenvolver suas próprias virtudes, mas sim, é responsável diante de Deus para viver servindo aos outros.

Os termos (*zōe*), "vida"; (*zaō*), "viver"; (*zōon*), "ser vivente"; (*zōogoneō*), "procriar", "dar vida a", "conservar vivo"; (*zōopoieō*), "vivificar", "dar vida a" e *zaō*, contraído para *zō*, e seu substantivo correspondente *zōē*, *sōo* encontrados desde Homero em diante.⁸ Um pouco mais tarde, durante o período de Heródoto e dos precursores de Sócrates, surge o substantivo *zōon*, que abrange os seres humanos (*logika zōa*, "seres racionais") e os animais (*aloga zōa*, "seres irracionais"), em contradição com objetos inanimados. Fora do seu uso em Hb 13: 11 e 2Pe 2: 12, *zōon* no NT se confina ao Apocalipse, e se refere aos quatro seres viventes ao lado do trono celestial.

Os dois verbos compostos, *zōogoneō* e *zōopoieō* têm sua origem em um período ainda mais avançado, o de Aristóteles e Teofrasto. Ambos os verbos se referem aos processos vitais da natureza, usualmente a procriação dos animais e o crescimento das plantas. Este fato é especialmente aplicável a *zōogoneō*, que, portanto, ocorre de modo esporádico e incidental no NT. *Zōopoieō*, por outro

⁷ Cf. V. Taylor, "Life after Death I. The Modern Situation", *ExpT* 76, 1964-65, 76-79.

⁸ Cf. C. L. Milton, "Life after Death VII. The After-Life in the New Testament", *ExpT* 76, 1965, p. 332-37.

lado, é uma palavra mais técnica que ocasionalmente se emprega nos contextos soteriológicos onde não há referência alguma à história natural.

No grego clássico, a "vida" se refere em primeiro lugar àquela qualidade viva da natureza da qual os seres humanos, os animais e as plantas compartilham juntamente. A vida no mundo grego pertencia à categoria da ciência natural,⁹ sendo caracterizada pela capacidade de autolocomoção, em contraste com o movimento mecânico.

Os gregos consideravam como causa da vida a *psyche* (alma), que Diógenes da Apolônia imaginava como sendo uma substância etérea (*aer*), enquanto Xenofantes a considerava como o fôlego trêmulo (*pneuma*)¹⁰. Assim como *psyche* e *zōe* ficam estreitamente juntas no pensamento grego assim também *psyche* e *sōma* (corpo)¹¹; a vida natural consiste nos componentes alma e corpo integrados.

Não somente cada indivíduo por si, como também o universo inteiro é considerado como sendo um organismo vivo (*zōon empsychon*, Platão, *Tim.* 30b) ou como sendo um mundo com uma alma (*kosmos empsychos*). Até mesmo os deuses, segundo se imagina, são, em larga medida, criaturas vivas (*zōa*), tendo a natureza bipartida em analogia com o corpo e alma humanos¹². Assim, Platão faz distinção entre seres vivos que são *thneta* que significa "mortais", isto é, "humanos", e *athanata* que expressão que dizer "imortais", ou seja, "deuses".

Os gregos consideravam que um terceiro componente era específico na vida humana: a razão, mente ou entendimento (*nous*). Enquanto o *sōma* e, até certo ponto, a *psyche* entram na composição da vida natural, o *nous* é um elemento divino que entra na vida humana de fora para dentro, realçando-a além da vida natural, geralmente dos animais, e que produz um tipo de existência que é capaz de várias alternativas (*bios*). Esta idéia se expressa não meramente mediante

⁹ Cf. R. BULTMANN, *Theology of the New Testament*, I, 1952, 203-10, 345-352; *Primitive Christianity in its Historical Setting*, 1956; *The Gospel of John*, 1971; Cf. Platão, *Leg.* 10, 895c ss. *Phaedr.* 245c e ss.; Aristóteles, *An.* 2,2 p. 412b, 16-17; p. 413a, 22 ss.

¹⁰ Cf. H. DIELS, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, I, 425, 42

¹¹ Cf. L. HODGSON, "Life after Death II. The Philosophers: Plato and Kant", *ExpT*76, 1964-65; Platão, *Phaedr.* 105c e segs.; Aristóteles, *An.* 2, 1, p 412b,7 ss.

¹² Cf. Aristóteles, *Metaph* 11, 7, p. 1072b, 28 'e segs; (*Tim.* 38c e segs.).

a grande variedade de construções no dativo que se pode achar com *zōē*; *patridi*, "para a pátria", Demóstenes, *Orationes* 7: 17; *patri*, "para o pai", Dionísio de Halicarnasso,³ 17,7), como também mediante os adjetivos, advérbios e preposições que podem ser acrescentados, e que qualificam a "vida" como sendo boa (*agathé*), "ordeira" (*kosmiōs*), "razoável" (*kata logon*) ou "má" (*aischra*).¹³

Entre os estóicos, o lema *kata physin zen*, "viver segundo a natureza", assumiu grande importância. Esta frase, no entanto, não dá a entender a existência instintiva, mas, sim, a vida que é virtuosa (*kat' areten*) ou vivida conforme a razão (*kata logon*) e que capacita o ser humano que de outra forma está "morto", a cumprir o propósito da sua existência,¹⁴ ou seja, *eu zen*, "viver bem".

A expressão *bios kata physin* a "vida segundo a natureza", também se acha, neste mesmo sentido. Embora os gregos do período clássico encarassem seu ideal como envolvimento ativo nas questões públicas da polis, os estóicos, no período helenístico, idealizavam a completa retirada do alvoroço externo do mundo e o cultivo da vida interior de cada um. Assim enquanto os estóicos distinguiam entre a vida externa e interna, o neoplatonismo diferenciava entre a vida neste mundo e a vida além deste mundo.

Conforme Plotino, o ser humano realmente possui a vida natural, mas a vida que é perfeita (*teleia*) e verdadeira (*aléthiné*) acha-se somente no domínio único da divindade (*hen*). O caminho a esta vida verdadeira leva, através da abnegação do corpo e da purificação (*katharsis*) de todas as coisas terrestres, até o momento da vista ou visão (*thea*), quando o ser humano atinge a vida verdadeira e, se une com ela.¹⁵ Em outras palavras, a vida é encarada como uma ascensão constante em vista da perfeição.

O gnosticismo, por contraste, encarava a vida como descida. *zōé*, que freqüentemente se associa com *phōs*, "luz" que é algo essencialmente divino, um fluido tangível no mundo divino, certamente uma entidade física, mas, ao mesmo tempo, uma coisa indestrutível que possui um poder vivificante, ou seja, a imortalidade. No mundo humano cotidiano, esta vida puramente divina se mistura

¹³ Cf. Platão, *Rep.* 521a; *Leg.* 7, 806e; 3, 944c.

¹⁴ Cf. Epíteto, *Dissertationes*, 1,9, 19; 2,9,7-8; 3, 1, 25-26; 4, 11, 3).

¹⁵ Cf. Plotino, *Enéadas* 1,4, 3; 6, 7, 31.

com a matéria, pois fica aprisionada no corpo. Não está presente na sua plenitude, mas, sim, apenas na forma de centelhas minúsculas de vida.

A pessoa deve, portanto, romper as cadeias da prisão do corpo a fim de desfrutar, pelo menos temporariamente, a visão extática (*gnōsis*, conhecimento), isto é, chegar à união que existe entre as centelhas internas da vida e a vida sobrenatural do mundo divino. Esta vida verdadeira se atinge, aqui na terra, somente em momentos fugazes de êxtase. O pleno gozo dela forçosamente é reservado para o futuro, quando todas as partículas de vida e de luz que atualmente estão espalhadas na matéria, voltam a se reunir no mundo divino

Desta maneira, há na história da filosofia grega, duas tendências que se podem perceber dentro desta área de pensamento. Em primeiro lugar, a vida verdadeira se divorcia progressivamente dos eventos concretos de todos os dias, e se transfere para um mundo sobrenatural e divino. Em segundo lugar, a vida é considerada sempre mais como coisa tangível, "científica", de tal modo que a vida humana verdadeira se manifesta não tanto na continuidade dos eventos históricos quanto nos momentos descontínuos da visão extática, totalmente divorciados da história.

3.1

A temática da vida no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, os termos hebraicos para vida são o verbo *hayâh* e seus cognatos, o substantivo *hayyim* e o adjetivo *hay*¹⁶. As palavras *nepes* (alma), *basâr* (carne), *ruah* (espírito) e *nesâmâ* (hálito) também são usadas para denotar os seres humanos como seres vivos, ou, até mesmo, chegam a ser usadas no lugar das palavras de raiz *hyh*. O termo *bios*, todavia implica a duração, os dias de vida

¹⁶ Cf. F.M. DU BUIT, L. Monloubou, *Dizionario biblico storico-critico*, Edizioni Borla, Roma, 1987, p. 1038.

de uma pessoa, que são uma dádiva de Javé, o Senhor da vida (Gn 25:7; 47: 28; Dt 32:29; Sl 16:11; Jz 13:23).¹⁷

A vida é, pois aquilo que se move (Sl 69: 34), o ideal da vida era o envolvimento ativo, expresso, geralmente na fome e sede (Jz 15: 18 e segs.), no ódio e amor (Gn 24:27); na saúde, bem-estar (Pv 2:19; Sl 56:13; Ml 2:9). "A vida é associada com a luz, com a alegria, com a plenitude" com a ordem e com o ser ativo (Sl 27: 1; Jó 33: 25 e segs.; Pv 3: 16; Gn 1) e é contrastada com as trevas, com a tristeza, com a vaidade, com o caos e com o silêncio, que são características dos seres mortos e inanimados.¹⁸

A vida era concebida como um todo integrado, harmônico, não havendo as distinções, do pensamento grego, de corpo, alma e razão, ou as nossas próprias distinções entre a vida física, a vida intelectual e a vida espiritual.¹⁹ Por essa razão é que termos como carne (Gn 6: 13), alma (Js 10: 28; Lv 17:11), espírito (1Sm 30:12) ou fôlego (Jó 27:33 ss.) são intercambiáveis com o termo vida. A vida (*nepes*) está no sangue²⁰ (Lv 17: 11, 14; Gn 9:4; Dt 12: 23) e morrer é derramar o sangue é deixar sair ou expirar a própria alma.

A vida é dádiva de Javé²¹, por isso, a freqüência ao santuário, o louvor, a aliança, eram fundamentais para o israelita, pois assim continuaria vivo (Ex 33: 18 ss; Sl 27:4; 65:5; 84:5; Pv 5: 6). Tal é a dependência em que o ser humano está de Deus, no tocante à sua vida, que o fôlego ou espírito do ser humano podem ser chamados de fôlego de Deus ou espírito de Deus (Jó 27:3 ss.; 33:4; Gn 6:3; Is 42:5); assim também Sl 104:27-30 onde Deus é louvado como o criador e preservador de toda espécie de vida, humana ou animal.²²

A vida tem uma duração e no fim dela, chega a morte (Sl 89:48; Ec 12:7) e o ser humano vai para o sheol (Jó 3: 13 ss.; Sl 6:5; 30:9; ou inferno, hades). De

¹⁷ Cf. H. W. Wolff, *Anthropology of the Old Testament*, 1974

¹⁸ Cf. E.E.ELLIS, *Novo Dicionário Bíblico*, p.1665. S. G. F. Brandon, "Life after Death IV. The After-Life in Ancient Egyptian Faith and Practice", *ExpT* 76, 1964-65, 217-220.

¹⁹ Cf. VON ALLMEN, *Vocabulário Bíblico*, art. Vida

²⁰ Cf. E. E. Ellis, op. cit., p. 1656.

²¹ Cf. DUFOUR, Léon Xavier et ali (Trad. Frei Simão Voigt), *Vocabulário de teologia bíblica*, Petrópolis, Vozes, 1972, p. 1067-1072.

²² Cf. E. E. ELLIS, idem, *ibid.*, p. 1657

qualquer modo, portanto, a vida era prezada e só no desespero extremo se cogitava do suicídio ou da morte (Jr 20: 14 e ss.; Jó 3: 11 ss.).²³

A relação entre a vida, o sofrimento e a morte recebe atenção na narrativa mosaica da criação (Gn 1-3), no livro de Jó e em alguns Salmos. Javé é a origem da vida, o pecado é a causa da dor e da morte,²⁴ embora o justo também sofra e morra. Assim, não é possível identificar todo sofrimento como consequência imediata de pecados cometidos pela pessoa. A questão do sofrimento e da morte é mais profunda, e jaz na quebra da harmonia da Criação pela queda, e na solidariedade da humanidade em Adão. Em relação a isto, há a esperança de vida após a morte, na qual o justo será vindicado de seus tormentos (Jó 17: 1, 11-16; 19:23-27).

A confiança dos patriarcas que sobreviveriam à morte,²⁵ mesmo deixando de debater o meio ou método propriamente dito, surgiu juntamente com as demais bênçãos daquela era. Abraão acreditava que o poderoso Deus poderia livrar seu filho da própria morte, em Gn 22. Além disto, o relacionamento deles com Deus, e a continuada associação dEle com eles, não foram cancelados após a morte, porque Ele repetidas vezes se identificava, o Deus vivo e pessoal, como o "Deus de Abraão, Isaque e de Jacó.

Em Deuteronômio encontramos o conceito da vida estreitamente ligado ao da aliança. Por sua fidelidade a Javé, Israel terá seus dias prolongados na terra (4: 26, 40; 5: 16, 33; 11 :9; 17 :20; 30: 18; 32 :47), bênção esta que tem seu fundamento na noção de vida como duração dos dias. Já em Dt 8: 3, em um contexto de advertência ao povo, encontramos a frase: "Nem só de pão viverá o ser humano", como uma lembrança de que a vida é mais do que alimento e que para haver prosperidade na nação é necessário seguir a Javé fielmente (2:7; 14: 29; 15:10, 18).

²³ Cf. H. H. Rowley, "The Good Life" and "Death and Beyond", *The Faith of Israel*, 1956, 124-149; 150-176; G. von Rad, G. Bertram, R. Bultmann, *zāḏ* etc., *TDNT II* 832-875.

²⁴Cf. S. H. Hooke, "Life after Death V. Israel and the After-Life", *ExpT* 76, 1964-65, 236-39; and "Life after Death VI. The Extra-Canonical Literature", *ibid.*, 273-276; Dt 30, 15-20; 2Rs 5,1-27; Ecl 11,7-12,8; 40,18-27; Jr 45,1-5; Ez 47,1-12; Jo 5,1-18; 17,1-5.

²⁵ Cf. A. J. Feldman, *The Concept of Immortality in Judaism Historically Considered*, 1964.

Em Dt 30:15, 19, no contexto da "recapitulação" da aliança entre Javé e Israel, Moisés apresenta ao povo as duas opções à sua frente: vida ou morte. "Em 11:26-28 as alternativas são bênção e maldição. As alternativas completas são vida, bem e bênção ou morte, mal e maldição.²⁶ Assim como em diversos outros trechos no livro, a vida denota todo o conjunto de bênçãos que Israel gozaria se fosse fiel à aliança feita com Javé: uma terra, prosperidade material, prolongação dos seus dias, vitória sobre seus inimigos, descendência e, principalmente, bem-estar espiritual. Para Israel a vida poderia ser vivida na esfera da *shalôm* de Javé, se não, viria a morte. Viver não era uma questão de obediência exterior a ritos e cerimônias, e sim, praticar a palavra de Javé, isto é, guardar todos os termos da aliança.

Nos Profetas, principalmente nos pré-exílicos, vemos novamente as ênfases do livro de Deuteronômio, uma vez que eles tiveram a responsabilidade de trazer o povo de volta ao cumprimento da aliança. Do enorme número de textos, podemos selecionar alguns a guisa de ilustração:

Em Amós 5: 4, 6, 14 a mensagem às tribos do Norte enfatizava a destruição do reino por causa da injustiça imperante entre o povo. Por causa de um falso conceito de eleição, os "novo ricos" achavam que a sua prosperidade era a vida prometida na aliança. Deus, porém, condenou sua atitude de exploração econômico-social dos pobres e seus estilos de vida luxuosos. Por intermédio do profeta Amós, Javé conclama-os a buscá-lo (4, 6), mas não de acordo com seus princípios religiosos, e sim, buscá-lo conforme as estipulações da aliança.²⁷

Desse modo, portanto, buscar a Deus é buscar o bem, a justiça da aliança (14 ss.). De acordo com a Lei, amar a Deus implica em amar ao próximo e praticar a justiça e a misericórdia, principalmente nos relacionamentos sócio-econômicos.

Jeremias enfatizava em suas mensagens o ideal da aliança²⁸ conforme exposto em Deuteronômio. A condenação enunciada em Jr 11:1-17 é

²⁶ Cf. J. A., THOMPSON, *Deuteronômio, Introdução e Comentário...* op. cit.; 1982, p. 275.

²⁷ Cf. DUFOUR, Léon Xavier et ali, *Dizionario del nuovo testamento*, Queriniana, Brescia, 1978, p. 554.

²⁸ Cf. R. K. HARRISON, *Jeremias, Introdução e Comentário*, 1980, p. 28, 30 ss.

especialmente impressionante; o versículo 11 diz: "... Eis que trarei o mal sobre eles", que relembra a exortação de Moisés em Dt 30: 15 ss. A falta de cumprimento da Lei da Aliança causou a destruição da nação (Judá) conforme Javé avisara por intermédio de Moisés. A vida oferecida não foi achada e sim o mal, por causa da maldade do povo (11: 17). Em virtude da quebra da aliança, Javé faria uma nova aliança com seu povo (31: 31; 33: 14-26), pela qual, as leis do Senhor seriam inscritas nos corações dos seus e obedecidas alegremente, o que resultaria em bênçãos, sinal de vida.

Na sua mensagem a Ezequias (21:1 e segs.), Jeremias coloca diante do povo as mesmas opções que Moisés apresentara aos antepassados da nação (21: 8) vida ou morte, que na situação em que foram apresentadas, eram muito reais - a não rendição aos babilônios levaria à morte de quase toda a população de Jerusalém - o que finalmente aconteceu.

Ezequiel é outro dos profetas que enfatizava a mensagem da vida oferecida por Javé. Em plena consonância, com a teologia da aliança, ele enfatizara que o justo viverá, e não o ímpio. Isto se o justo permanecer na prática da justiça. Ao ímpio é oferecido o convite ao arrependimento e à conversão, pois Deus não tem prazer na morte dele.

A responsabilidade do indivíduo pela sua própria vida é amplamente ressaltada, embora isso não anule a solidariedade do povo da aliança (Ez 3: 16; 18:1; 33:7). Em Ezequiel 37:1-14, no relato da visão dos ossos secos é ressaltada a noção de que é o Espírito do Senhor fonte da vida e a lembrança da antiga promessa da aliança: a terra e o bem-estar (34:26) na aliança renovada com Israel que garante a vida.²⁹

Nos Salmos e na Literatura Sapiencial, a ênfase recai fortemente na vida como fruto da comunhão com Javé e da prática da sabedoria.³⁰ A sugestão deuteronômica das duas alternativas reaparece com destaque em Provérbios, onde

²⁹ Cf. V. W. C. Kaiser, Jr., op. cit., p. 245-252.

³⁰ Cf. G. VON RAD, *Old Testament Theology*, I, 1962; II, 1965 (see indexes); *Genesis*, 1963; and "Righteousness and 'Life' in the Cultic Language of the Psalms", *The Problem of the Hexateuch and Other Essays*, 1966, 243-266.

a sabedoria se apresenta como guia para a vida, enquanto a estultícia leva à morte (2:18; 3:2, 18e; 4:4).

O temor do Senhor, idéia já presente em Deuteronômio com certa freqüência (4: 10; 5 :29; 6:2; 10: 12; 17: 19; 31: 12 e segs.), em Provérbios é elevado ao lugar central na piedade israelita, e àquele que temesse ao Senhor eram reservadas as bênçãos da aliança: o prolongamento da vida (10:27), a própria vida (14:27; 19:23), o bem estar e a prosperidade (14:26; 19:23; 22:4). Também em Ecl (3: 14; 8: 12; 12:13) e nos Salmos Sapienciais (25, 34, 103, 119) a relação entre o temor do Senhor e a vida é ressaltada.³¹ Assim, pois, o conceito vétero-testamentário da vida é essencialmente realista, pois a vida é a existência humana no seu dia-a-dia com todas as suas peculiaridades e alternativas.

No sentido religioso Javé é o originador da vida e o seu preservador,³² em função da aliança que fez com Israel. É Ele que tem o governo da nação e dá ou tira a vida; no sentido comunitário é Israel que tem ou perde a vida dada por Javé, embora isto não negue a individualidade dos israelitas, o conceito de solidariedade é fortíssimo.³³ A declaração mais impressionante da piedade vétero-testamentária encontra-se no Sl 63:3: "A tua graça é melhor do que a vida", que demonstra cabalmente quanto o conceito de vida no Antigo Testamento é vinculado a Javé, o Criador da Vida.³⁴

A LXX freqüentemente reinterpreta o conceito vétero-testamentário da vida em termos daquele do grego *zōe* (cf. LXX Dt 32: 39; Sl 55: 14 [56: 13]; 118 [119]; Pv 16: 15; Jó 19:25; 33:30). Em grande medida, o judaísmo posterior adotou o conceito vétero-testamentário da vida (Meg. 27b; Taan. 20b; Ber. 55a; cf. SB IV 267, 275,629), mas, sob a influência helenística, a vida verdadeira era encarada mais e mais e freqüentemente como sendo a dádiva da vida eterna (*zōe aiōnios*), a "vida sem fim" (4Mac. 7:19; 15:3; 16:25; 17:12; 18:19). A partir do período dos macabeus, a crença na vida além túmulo e na vida eterna era

³¹ Cf. W. C. KAISER, Jr., op. cit., p. 169-186.

³² Cf. W. EICHRODT, *Theology of the Old Testament*, II, 1967, 496-529.

³³ Cf. H. H. Rowley, *La Fe de Israel*, 1973, p. 95-118; R. P. Shedd, *Man in Community*, 1962, in passim; G. E. Wright, *A Dourina Bíblica do homem em sociedade*, 1966.

³⁴ Cf. V. D. KIDNER, *Salmos, Introdução e Comentário*, 1982, in J. G. Baldwin, *Daniel, Introdução e Comentário*, 1983, in loco. W. C. Kaiser, Jr., *Teologia do Antigo Testamento*, 1980, p. 102. (Ex 3:6; cf. Mc 12:26)". Também nos Salmos (16:10; 73:24) e em Daniel (12:1 ss) encontramos a idéia da vida após a morte.

generalizada entre os teólogos judeus.³⁵ Assim como no gnosticismo, também no judaísmo posterior, *zōe* frequentemente se acha em associação com *phōs*, luz, e *gnōsis*, conhecimento.

No judaísmo helenístico, a crença na ressurreição dos mortos era substituída, em grande medida, pela doutrina da imortalidade da alma (Sab. 8: 19-20; Josefo, F. *Guerra* 7, 8, 7).³⁶ A vida terrestre perdia a sua significância (Sab. 4:8-9), ou até era considerada a prisão da alma (Filo, *Leg. All* 2,57; 3,21, 151), o ato de morrer obteve significância sempre maior (4 Mac. 15:12; 2 Mac. 8:21; Josefo, *Guerra* 7, 8, 7), e a vida verdadeira, isto é, a vida que é *athanatos*, "imortal", era transferida para o mundo além (4,Mac. 15: 3; Sal 3: 16; Filo, *Op. Mund.* 155-6). Por outro lado, o uso de linguagem que se acha nos textos de Cunrã é marcante na sua semelhança àquele do Antigo Testamento, sendo que a uma feição nova é a associação um pouco formal da vida com as bênçãos da salvação.³⁷

Em algumas correntes do judaísmo inter-testamental, “a convicção que a morte não é o fim da existência humana levou à idéia do Sheol como um estado intermediário onde os mortos aguardam a ressurreição.”³⁸ Em IV Esdras o conceito dualístico das duas eras é preponderante, e da era futura diz-se que trará a imortalidade (7: 12 ss; 8: 54). A idéia de Deus como fonte da vida e luz ocorre em 1Bar. 4: 2. “Todos os que a guardam a Torá estão destinados para a vida, mas os que a deixam irão morrer”. E no Apocalipse de Baruc fala de herdar a vida futura (44: 13 15). Este dualismo escatológico das duas eras é retomado e reinterpretado cristologicamente no NT.

³⁵ Cf. S. MOWINCKEL, *He That Cometh*, 1956; J. Pedersen, *Israel: Its Life and Culture*, I-II, 1926, 99-181 (on the soul), 453-96.

³⁶ Cf. G. WIDENGREN, "Life after Death VIII. Eschatological Ideas in Indian and Iranian Religion", *ExpT* 76, 1964-65, 364-367.

³⁷ Cf. J. C. COETZEE, "Life in John's Writings and the Qumran Scrolls", *Neotestamentica* 6, 1972, 48-66.

³⁸ Cf. G. E. LADD, *A Theology of the New Testament*, 1977, p. 255.

3.2

A compreensão da vida no Novo Testamento

No Novo Testamento ocorrem referências ao assunto importante que é a vida,³⁹ conforme se pode esperar, em todos os livros do NT. Mas é na teologia de Paulo e de João que se expressa mais claramente a doutrina da vida,⁴⁰ e é evidente que o ensino do Novo Testamento contém elementos que são vétero-testamentários, judaicos posteriores e também gregos quanto à sua origem.

O conceito vétero-testamentário da vida se evoca mais nitidamente nos Evangelhos Sinóticos. A vida natural é considerada uma possessão sem preço (Mc 8: 37). Jesus é frequentemente conclamado a exercer seu poder a fim de que os doentes ou os moribundos vivessem (Mc 5: 23, aoristo *zese*, "que ela viva"; cf. Jn 4: 47 ss) ou até a restaurar a vida terrestre aqueles que já morreram (Mc 5: 35 ss; Lc 7: 11-12; Jo 11: 1-2).

Assim como no AT, empregam-se categorias temporais para a vida (Lc 1: 75; Hb 7: 3; Rm 7: 1), que é considerada uma coisa dinâmica, mas, ao mesmo tempo, limitada e transitória (At 17:28; Tg 4:14). Não é meramente uma ocorrência natural, mas sim, um evento que pode ser bem sucedido e que também pode fracassar (Lc 15:13, *asôtôs zen*, "viver dissolutamente"; 2Tm 3:12, *eusebôs zen*, "viver uma vida piedosa"). A vida verdadeira depende da palavra de Deus (Mt 4:4, citando Dt 8: 3), enquanto viver longe de Deus se descreve como sendo a "morte" (Lc 15: 24, 32).

As necessidades básicas da vida, tais como alimento e roupa, não são desprezadas, de modo algum; pelo contrário, são recebidas com gratidão, como dádivas do Criador (Mt 6:25; Lc 12:15). Deus, que pode matar e vivificar (Mt 10:28; Rm 4:17), é o Criador indisputado (At 17:125), o Senhor (Lc 12:20; At

³⁹ Cf. G. E. LADD, *A Theology of the New Testament*, 1975, 254-269.

⁴⁰ Cf. R. W. Thomas, "The Meaning of the Terms 'Life' and 'Death' in the Fourth Gospel and in Paul", *SJT* 21, 1968, 199-212.

10:42; Tg 4:15) e a concretização da vida; Ele é o Deus vivo (Mt 16:16; 26:63) e o Deus dos vivos (Mt 22: 32; Mc 12: 27; Lc 20: 38).

Em contraste com a vida presente, existe a vida do porvir (Mc 10:30; 1 Tm 4:8: "A piedade tem valor, de todas as maneiras, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser (*zoes tes nyn kai tes mellouses*). Ela é descrita como sendo a "vida eterna" (*zōe aiōnios*; Mt 19:16; paralelamente Mc. 10:17; Lc 18:18; Mt25:46; cf. 2Tm 1:10; *zōe kai aphtharsia*, "vida e imortalidade").⁴¹ Esta vida é atingida, não em razão da imortalidade da alma, esta idéia grega é completamente estranha ao Novo Testamento, mas, sim, é dádiva de Deus, pois é Ele quem ressuscita os mortos (Mt 22:31-32 par. Mc 12:36-27; Lc 20: 36-37).

O fato de se referir à vida futura ocasionalmente com o emprego de *zōe* isoladamente, isto é, sem qualquer frase qualificadora indica que semelhante vida é considerada real e verdadeira, a própria vida de Deus mesmo (Mt 18:18; Mc 9:43,45). Não há, porém, qualquer implicação aqui da desvalorização da vida terrestre, conforme se acha no helenismo posterior. Pelo contrário, o relacionamento do ser humano com a vontade de Deus nesta vida presente determina o seu destino na vida do porvir (Mt 19: 16 par. Mc 10: 17; Lc 18 :18; Lc 10:25).

Em Mt 7: 13-14; 13: 23-24 é retomada a idéia dos dois caminhos que se acha em Dt 30: 10; Jr 21 :8, na literatura sapiencial e inter-testamentária, em Cunrã e nos escritos cristãos posteriores. Este estreito relacionamento entre a vida presente e a futura se expressa de modo mais impressionante na parábola do juízo final (Mt 25 :31 ss.): os desobedientes padecerão o castigo eterno, enquanto os justos entrarão na vida eterna (Mt 25:46).

O conceito de Paulo da vida eterna é profundamente afetado pela ressurreição de Cristo dentre os mortos (1Cor 15: 4); esta, sendo um fato consumado, comprovou o poder da vida divina sobre a morte (Rm 14:9). O apóstolo vê Cristo como sendo a própria concretização do poder vivo de Deus,

⁴¹ Cf. G. R. Beasley-Murray, "The Contribution of the Book of Revelation to the Christian Belief in Immortality", *SJT* 27, 1974, 76-93.

vencendo a morte e ressuscitando os mortos (2Cor 13 :4). A vida é nada menos do que a vida sempiterna de Cristo, a vida dentre os mortos e além-túmulo.

Mediante a sua ressurreição,⁴² Cristo, o último Adão, tornou-se o autor de uma nova vida para a humanidade (Rm 5:12; 1Cor 15: 20). A vida dos cristãos não é a sua própria, mas a de Cristo: Cristo vive neles, (Gl 2: 20; Fp 1: 21) eles vivem a vida de Cristo (2Cor 4: 10). Sua vida é justificada por Cristo (Rm 5: 18) e mediante a vida dEle serão salvos (Rm 5:10). A vida de Cristo não é transmitida aos cristãos nem como poder, como acontecia entre os gnósticos, nem mediante a união mística, mas, sim, pela palavra da vida (Fp 2: 16; 2Tm 1: 10; Tt 1: 2-3) e mediante o poder criador do Espírito vivificante (Rm 8: 2, 6,10-11; 1Cor 15: 45).⁴³

A nova vida dos crentes, que é operada mediante o Espírito Santo (Rm 6: 4)⁴⁴ não procura escapar da vida de todos os dias, para se refugiar na indiferença e no ceticismo estóicos ou gnósticos. Pelo contrário, segundo Paulo, o cristão deve servir ao seu próximo de modo responsável seja qual for a situação histórica na qual se acha. Sendo que já não vive para si (Rm 14: 7; 2Cor 5: 15), mas, sim, para Deus (Rm 6: 10-11) e Cristo (Rm 14: 8; 2Cor 5: 15), sua vida revela resultados positivos e tangíveis (Gl 5 :25, 26) na medida em que segue nos passos de Cristo e toma a cruz de Cristo (2Cor 4: 9-10).

Paulo, portanto, pôde fazer a declaração paradoxal: "Somos tratados... como se estivéssemos morrendo e, contudo eis que vivemos" (2Cor 6: 8-9), sendo que a vida surge da morte e através desta. Não viver para si mesmo significa ter uma atitude de amor para com os outros (Rm 13: 8-10; 14: 11). É importante notar os dativos e as construções com *syn* que Paulo emprega com *zaō*, a fim de ensinar que "viver para ..." e "viver com ..." pertencem, pois à própria estrutura da vida. Na vida nova do crente, há tensão entre o presente e o futuro, entre o indicativo e o imperativo (Gl 5: 25). Sua nova vida já existe, mas ainda não foi plenamente manifestada (Cl 3: 3, 4).

⁴² Cf. DUFOUR, Léon Xavier et ali, *Diccionario del nuevo testamento*, Bilbao, Desclée de Brower, 2002, p. 589-591.

⁴³ Cf. K. BARTH, *CD III 2*, "The Creature"; and *CD III, 4* "Freedom for Life", 324-64.

⁴⁴Cf. G. BORNKAMM, "Baptism and New Life in Paul (Romans 6)", *Early Christian Experience*, 1969, 71-86.

Para Paulo a ressurreição de Cristo é o penhor da nossa própria ressurreição futura para a vida eterna, onde a morte e todas as imperfeições da criação presente ficarão sendo coisas do passado (Rm 8: 18). "Porque assim como em Adão todos morreram, assim também todos serão vivificados (*zōopoiethesontai*) em Cristo, o novo Adão"(1Cor 15: 22).⁴⁵

A nova vida não se confina ao tempo histórico, mas, sim, indica o futuro, a vida eterna, quando for vencido o último inimigo, a morte (1Cor 15: 26, 28; Rm 6: 22; Gl 6: 8). Paulo retrata a transição da vida temporal para a vida eterna em termos de um drama cósmico, da transformação milagrosa e do arrebatamento (1Ts 4: 13-17; 1Cor 15: 20). Nisto, segue a tradição apocalíptica, com o emprego de figuras de linguagem e simbolismo apocalípticos.⁴⁶ Não se enreda, no entanto, nas especulações do judaísmo posterior, confina-se, pelo contrário, a sugestões figuradas a respeito da forma que a vida futura assumirá.

Essa vida será, portanto, uma vida corporificada (1Cor 15: 35; 2Cor 5: 1. Notemos que os judeus não podiam conceber uma vida em estado desincorporado. E assim essa nova vida implica em ver a Cristo face a face (1Cor 13: 12; 2Cor 5 :7), em entrar na plenitude da justiça, da paz e da alegria (Rm 14: 17), da glória (*doxa*, 2Cor 3: 8-9) ou da glorificação (Rm 8: 17), mas, sobretudo, em estar com Cristo por toda a eternidade (1Ts 4: 17; 2Cor 5 :8; Fp 1:23).⁴⁷

3. 3

Ocorrência e uso da temática da vida na literatura joanina

No evangelho de João o substantivo ocorre 36 vezes (17 na expressão *zōe aiōnios*) e o verbo 16 vezes. Em 1João o substantivo ocorre 13 vezes, mas o verbo

⁴⁵ Cf. F. F. Bruce, "Paul on Immortality", *SJT* 24, 1971, 457-72.

⁴⁶ Cf. D. S. Russell, *The Method and Message of Jewish Apocalyptic 200 B.C -A.D. 100*, 1964, 353-390.

⁴⁷ Cf. E. SCHMILT, "Life", *EBT* II, 499-503.

viver ocorre somente uma (1Jo 4:9). No Apocalipse o verbo ocorre 15, vezes e o substantivo 17. Os seguintes verbos compostos também ocorrem: *zōopoieō*, três vezes no evangelista e *anazaō*, uma vez, em Ap 20: 5. A mera constatação estatística já demonstra como é importante o conceito de vida em João.

Em Jo 5: 26, *logos* e *zoe* expressam o conceito vétero-testamentário de Deus como o possuidor e doador da vida que é retomado e colocado num contexto cristológico,⁴⁸ "porque assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo".

No Prólogo (1: 4), o *logos* é exaltado como Deus, que é a Palavra e se declara que "a vida estava nele, ela a vida era a luz dos homens". No capítulo 5, o contexto do v. 26 deixa claro que vida tem um sentido soteriológico; já neste versículo (1: 4), o aspecto soteriológico é ressaltado pela definição de *zōe* como "luz dos humanos". É comum a conexão entre luz e vida em João (3: 16-21; 8: 12; 12: 46-50; cf. 1Jo1: 5-10; 2: 7-11), sempre com sentido salvífico. Fica claro que a vida, em João, segue o pensamento do Antigo Testamento (Sl 36:9; 104: 29; Gn 1: 2) e o expande de modo cristológico e soteriológico.⁴⁹

Não há um dualismo entre vida eterna em seu sentido espiritual e vida física. Há, sim, o dualismo escatológico entre vida e morte, ou entre luz e trevas. Só há uma vida verdadeira, a de Deus, e só os que recebem a Cristo têm a vida porque "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (10:10).⁵⁰

A missão do Logos, em João, é apresentada como o outorgar da vida (6: 51) e só nEle é que se encontra a vida (3: 16; 5: 26,40; 6: 53; 10:28; 1Jo 4: 9). As mesmas idéias ressurgem no Apocalipse, já no contexto pós-pascal: "Eu sou o primeiro e o último, e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno" (1: 17-18; 4: 9-10).

⁴⁸ Cf. C. H. DODD, *The Interpretation of the Fourth Gospel*, 1953, 144 - 150.

⁴⁹ Para os conceitos helenísticos e gnósticos da vida, cf. C. H. Dodd, *A Interpretação do Quarto Evangelho*; R. Bultmann, *zōē*, *TDNT*, II; D. Hill, *Greek Words and Hebrew Meanings*; O. Piper, "Life", *IDB*, vol. 3; e C. K. Barrett, *The Gospel According to St. John*.

⁵⁰ Cf. DUFOUR, Léon Xavier et ali, *Diccionario del nuevo testamento*, Bilbao, Desclée de Brower, 2002, p. 589-591.

Em Apocalipse 5, embora não ocorra a palavra, descreve-se Cristo como o Vencedor e digno de abrir o livro, que desencadeará a consumação do plano redentor de Deus, o qual culminará na ressurreição final (Ap 20: 4; *zõe* é usado para a ressurreição, juntamente com *anazaõ*, Eu Sou). O significado de *zõe* (*aiðnios*) em João é um conceito escatológico. João 12: 25 expõe claramente esse caráter escatológico. Só o Quarto Evangelho tem lhe dado uma forma que se alude à antítese judaica das duas eras. “Aquele que odeia a sua alma no *olam haze* irá guardá-la no *olam haba*, e, conseqüentemente, irá possuí-la no *hayye haollam haba*. ”⁵¹.

Já *aiðnios*, vinculado a *zõe*, apresenta principalmente um caráter qualitativo, é a vida que pertence à era futura, à era do porvir, mas não exclui a quantidade de tempo dessa vida. Lembrando que uma das idéias básicas da vida no Antigo Testamento era a "duração", é fácil perceber que a era futura possui uma vida cuja duração não tem fim. Sendo um conceito escatológico, possui, todavia uma referência futura,⁵² (Jo 5: 29; 6: 40, 10: 28 e principalmente os capítulos 21 e 22 de Apocalipse, onde é descrita a vida na Nova Jerusalém como perfeita, totalmente vivida na presença e no poder de Deus. Afirma, pois que na Nova Jerusalém ocorrerá o cumprimento definitivo de todas as promessas: "Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram" (21: 3-4).

No Evangelho e na Primeira Epístola, o peso das ocorrências cai sobre o aspecto presente da vida eterna, "quem crê no Filho tem a vida eterna" (3: 36; 6: 63; 12: 49). A vida eterna é conhecer a Deus e a Jesus Cristo (17: 3) e desfrutar de todas as bênçãos relativas a esse conhecimento. Contudo, a vida incluirá sofrimento e perseguição no tempo presente (Jo15: 20), pois a consumação da obra de Cristo ainda está no futuro (Ap 6: 40). Essa vida é recebida pela fé (1Jo 5:

⁵¹ Cf. C. H. Dodd, *The Interpretation of the Fourth Gospel*, 1953, p. 146.

⁵² Cf. C. K. Barrett, *The Gospel According to St. John*, 1955, p. 179; cf. C. Spicq, *O Amor nos Escritos de São João*, 1982.

12; Jo 5: 24) e se expressa na prática do amor ⁵³ (Jo15: 9-17; 1Jo 3: 14) e na alegria (Jo 16: 20-24).

O conceito de vida em João tem um conteúdo ético profundíssimo,⁵⁴ visto que segundo o texto "aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama e aquele que me ama será amado por meu Pai; e eu também o amarei; e me manifestarei a ele" (10 14:21); "nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu sua vida por nós; e devemos dar a nossa vida pelos irmãos" (1Jo 3: 16; 3: 11). Assim, pois a vida eterna⁵⁵ que recebemos nos leva a repartir a vida com nossos irmãos, a respeitá-la integralmente em todas as suas formas e nos faz co-participantes da missão de Cristo para o mundo (Jo 17: 14-18)

Quando se compara João com os Sinóticos percebe-se claramente uma mudança de tom e de termos. Nos Sinóticos o tema dominante é o Reino de Deus, que ocorre só 3 vezes em João, enquanto vida é um conceito menos usado. Ao se examinar mais atentamente os conteúdos do Reino nos Sinóticos, e Vida em João, descobre-se, contudo, que ambos pertencem à mesma categoria teológica e são sinônimos.

A expressão zōe aiōnios, em João, substitui o Reino de Deus dos evangelhos sinóticos. Aquilo que é, propriamente, uma bênção futura torna-se um fato presente em virtude do futuro em Cristo. Tanto o Reino de Deus quanto a Vida Eterna são conceitos soteriológicos, teocêntricos, messiânicos e escatológicos, ambos em processo de concretização, trazidos por Jesus Cristo.

Em suma, Reino de Deus e vida eterna têm, igualmente, implicações éticas de largo alcance, que distinguem os que recebem as suas bênçãos daqueles que apenas pensam que as receberam. Ambos são conceitos exclusivos. Só há, portanto um Reino de Deus e só uma Vida Eterna, e somente em Cristo é que os seres humanos os encontram, não há, pois outro caminho (Jo 14: 6; At 4: 12), que não seja pela lei do amor, pela liberdade, pela abertura e aceitação do outro como irmão e irmã, fazendo surgir um mundo novo que já começa aqui e agora.

⁵³ Cf. G. E. Ladd, *A Theology of the New Testament*, 1975... p. cit., p. 254-285.

⁵⁴ Cf. BOGAERT, Pierre-Maurice (org) et ali, *Dicionario enciclopedico de la Biblia*, Centro informática y Biblia Abadia Maredsous, Barcelona, Herder, 1993, p. 1603.

⁵⁵ Cf. F.M. DU BUIT, L. Monloubou, *Dizionario biblico storico-critico*, Edizioni Borla, Roma, 1987, p. 1039.

A modo de conclusão

A vida é compreendida como a origem e meta do projeto de Deus, ela está sempre em luta contra os projetos que produzem morte. O compromisso fundamental de um povo que conhece o projeto de Deus consiste em lutar de todas as formas para que a vida triunfe sobre a morte.

Em toda a Bíblia, existe um profundo sentido da vida em todas as suas formas, e um sentido muito genuíno de Deus, nos revelam que a vida, buscada pelo ser humano com uma esperança incansável, é um dom sagrado no qual Deus mesmo faz luzir seu mistério e sua generosidade.

No Antigo Testamento, Deus é vivo e chama o ser humano à vida em plenitude. Invocar, esse Deus vivo, significa apresentar-se como o servo desse mesmo Deus. Tudo isso não é só proclamar que o Deus de Israel é um Deus vivo e poderoso que age na história, mas é evocar sua extraordinária vitalidade, seu ardor absorvente que não se fatiga nem se cansa. Deus é visto, portanto, como o rei eterno, cuja ira não se pode suportar. Ele é portanto, aquele que dura para sempre, que salva e liberta, que faz maravilhas no céu e na terra.

A vida é coisa preciosa aos olhos de Deus. Ela aparece nas últimas etapas da criação, para coroá-la. Por sua vez, a terra produz outros seres vivos. Enfim Deus cria, à sua imagem e semelhança, o mais perfeito dos viventes, o ser humano. E para assegurar a continuidade e o crescimento dessa vida nascente, Deus lhe dá o dom de sua bênção.

De modo que, embora a vida do ser humano seja um tempo de penoso serviço, no entanto, está pronto a sacrificar tudo para salvá-la. Todos os seres vivos e o próprio ser humano, têm a vida apenas precariamente. Estão, por natureza, sujeitos à morte. Essa vida, com efeito, depende da respiração, Isto é, dum frágil sopro, independente da vontade e que num insignificante instante pode

extinguir. A vida é um dom de Deus, tal sopro não cessa de depender dele, que faz morrer e faz viver.

A lei primordial da vida é que Deus não tem prazer na morte de quem quer que seja, ele não criou o ser humano para deixá-lo morrer, mas sim para que vivesse; por isso, tinha-lhe destinado o paraíso terrestre e a árvore da vida, cujo fruto deveria fazê-lo viver para sempre. Essa vida é, por muito tempo, na esperança de Israel, apenas uma vida sobre a terra, mas, como sua terra é a que Javé doou a seu povo, a vida e os longos dias que Deus lhe reserva se for fiel representam uma felicidade única no mundo superior à de todas as nações da terra.

A vida mesmo sendo vivida na terra, não se alimenta em primeiro lugar dos bens da terra, mas do apego a Deus. Ele é a fonte d'água viva, a fonte de vida e seu amor vale mais que a vida. Por isso as pessoas acabam preferindo a qualquer outro bem a felicidade de morar toda a vida no seu templo, onde um só dia passado diante de sua face e consagrado a celebrá-la vale mais que mil outros.

Para os profetas, a vida é “buscar a Javé” incessantemente. Mais que vida feliz e prosperidade sobre a terra é a morte que o povo de Israel experimenta. No entanto, do próprio selo da morte ele descobre que Deus continua a chamá-lo para a vida.

Ezequiel no momento mais gritante do exílio proclama que Deus não tem prazer na morte do malvado, mas o chama a converter-se e a viver. Ele sabe que Israel é como um povo de cadáveres, mas anuncia que sobre esses ossos ressequidos Deus fará soprar seu espírito e que eles reviverão.

No Livro da Sabedoria, essa esperança se amplia e transforma toda a vida dos justos: enquanto os ímpios, como mortos vivos, mal acabaram de nascer, deixam de existir os justos estão desde agora nas mãos de Deus e receberão dele “a vida eterna, a coroa régia de glória.

Para Jesus, a vida é coisa preciosa, mais que alimento. Salvar uma vida é até mais importante que o sábado, pois Deus não é um Deus de mortos e sim de vivos. Ele próprio cura e devolve a vida, como se não pudesse tolerar a presença

da morte. Esse poder de dar a vida é sinal de que ele tem poder sobre o pecado e traz a vida que não morre, a “vida eterna. Essa é a vida verdadeira; pode-se até dizer, sem mais, que ela é “a vida”.

Cristo possuía a vida desde toda eternidade, por ser o Verbo eterno do Pai. Encarnado, ele é “o Verbo de vida”, que dispõe da vida com toda propriedade e a dá em superabundância a todos os que seu Pai lhe deu. Ele é o caminho, a verdade e a vida, a ressurreição e a vida, “luz da vida”. Ele é o “Pão da vida”, ele dá a quem come a sua carne a faculdade de viver por ele, como ele vive pelo Pai. Isto supõe a fé:

O que Jesus pede que as pessoas façam, ele o faz primeiro; o que ele anuncia, ele o dá, faz tornar-se realidade. Cristo livremente, por amor pelo Pai e pelos seus, como o Bom Pastor por suas ovelhas, “ele dá sua vida”. Mas faz isso para retomá-la e tendo-a retomado, feito “espírito vivificador” doa a vida a todos os que nele crêem. Morto e ressuscitado, ele é o Príncipe da vida.

A exemplo de Jesus a Igreja tem como missão anunciar destemidamente ao povo essa vida nova. Essa é, portanto, a primeira e extraordinária experiência cristã primitiva que continua atual para todas as épocas e para todos que acreditam em Jesus Cristo, pois a vida é o conhecimento de Deus e de Cristo.

Para Paulo a vida é Cristo. A morte é absorvida pela vida a partir deste mundo, pois quanto mais o cristão participa da morte de Cristo e é portador de seus sofrimentos, tanto mais manifesta sua vida, inclusive em seu corpo. Tudo estará plenamente sujeito a Deus, que será tudo em todos. A vida verdadeira é buscar a Deus, é buscar o bem, a justiça da aliança de amor e de vida entre Deus e nós. Em última instância, amar a Deus implica em amar ao próximo e praticar a justiça e a misericórdia, em todos os relacionamentos, momentos e com todos os seres.